

incipit

WORKSHOP DE ESTUDOS MEDIEVAIS
UNIVERSIDADE DO PORTO
2021 | 13ª EDIÇÃO



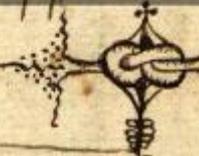
COORDENAÇÃO DE
ANA CLARINDA CARDOSO, ANDRÉ RODRIGUES,
J. CARLOS TEIXEIRA, PAULO MORGADO E CUNHA
RUBEN FILIPE TEIXEIRA DA CONCEIÇÃO.

SILVANA R. VIEIRA DE SOUSA

Confirmacio de Celso lino do privilegio del liolliao q'possamos fazer m.
em portugul. Salua Conseruaoe e visitacone maioris Magist'ry.

Celestinus. Epus seruus seruoz dei. Dilectis fillijs. . . Haego prouin
ciali et vniuersis Comendatorib' et fratrib' domus. . . Salu. et ap'licam ben. Diligentes iusticiam et
odio abentis, in qua sicut et laborib' et animo plu
ralitatis cupit undiq' nobis inueniamur multipliciter ducturito per importunita
tem petentium uel alias, captiose, petitione, que interdum. superflacemus pre
tendentes iusticiam discurrere postmodum iusticiam continent non concedenda.

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA DIGITAL, 2022



Ficha técnica

Título: Incipit 10. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2021
Coordenadores: Ana Clarinda Cardoso, André Rodrigues, J. Carlos Teixeira, Paulo Morgado e Cunha, Rúben Filipe Teixeira da Conceição, Silvana R. Vieira de Sousa
Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital
Local de edição: Porto
Ano de edição: 2022
ISBN: 978-989-9082-13-7
Capa: Ana Clarinda Cardoso
Composição e paginação: J. Carlos Teixeira e Rúben Filipe Teixeira da Conceição

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

www.gihmedieval.com

A Língua e o Estilo de Fernão Lopes: questionamento do estilo/autoria lopesianos da segunda parte da *Crónica de D. João I*

Sara Manuela Gonçalves Machado
Universidade do Porto

Resumo:

O nosso trabalho pretende dar a conhecer a dissertação de mestrado que temos em curso e que se centra numa análise linguístico-estilística da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes. A partir dessa análise pretende-se colocar em questão a autoria lopesiana da segunda parte da crónica. O texto em análise apresenta um estilo e escrita dissimilares do que usualmente se considera ser a prosa de Fernão Lopes. Essencialmente panegírica, a segunda parte da *Crónica* parece inserir-se num género literário mais típico do seu contexto histórico, assemelhando-se aos "espelhos de príncipes", afastando-se da redação da primeira parte. A escrita é também distinta, com formas de narrar muito diferentes. Enquanto que a primeira parte faz uso do discurso direto, nos célebres diálogos, a segunda parte recorre ao discurso indireto. Para além da clarificação das principais evidências que suportam a nossa tese, ao longo do texto serão apresentadas as fontes e bibliografia em que nos baseamos, a metodologia utilizada e a estrutura provisória do trabalho final.

Palavras-chave:

Fernão Lopes, cronística, Idade Média, D. João I.

Abstract:

This article aims at presenting our master's thesis, which is centered in a linguistic-stylistic analysis of *Crónica de D. João I*. We will question the authorship of the same's chronicle second part. The style and writing in the second part of the text are very different from that we commonly attribute to Fernão Lopes. The second part of the *Chronicle* tends towards a panegyric style and it includes itself in a genre that seems much more appropriate to the historical context of the time when Fernão Lopes has lived, which resembles "mirrors of princes" much more than the first part, the last outside of his time, like current historiographical methods. The writing of the text itself shows differences, with two discursive traditions, such as the use of reported speech, whereas in the first part the usage of direct speech is much more common. Through the clarification of the main evidence that based our thesis, we're showing through the text our resources and bibliography on which we have based our argumentation, as well as our methodology and the work's final provisory structure.

Keywords:

Fernão Lopes, chronicles, Middle Ages, D. João I.

1. Objeto e Questões da Investigação

Este trabalho está a ser desenvolvido no âmbito da nossa dissertação do Mestrado em Estudos Medievais e ainda se encontra numa fase particularmente inicial, pelo que as questões ainda estão a ser levantadas e as conclusões ainda estão numa primeira fase: a das hipóteses.

Pretender-se-á com esse trabalho colocar em causa as diferenças no modo de narrar entre a primeira e a segunda partes da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, pois parece-nos haver algumas diferenças estilísticas e de tradições discursivas entre uma parte e outra, em que a segunda parte perde ou sente esbater-se muitos dos elementos que atrás enunciámos. Um dos nossos argumentos principais está relacionado com o uso do discurso direto na Primeira Parte da *Crónica de D. João I*, enquanto que na Segunda Parte da mesma crónica é utilizado o discurso indireto.

O estilo de Fernão Lopes é conhecido pela sua objetividade narrativa, que o próprio cronista defende e mostra querer adotar, como o mostra no prólogo da primeira parte da *Crónica de D. João I*: “Mas nos, nom curando de seu juízo, leixados os compostos e afeitados rrazoamentos, que muito deleitom aquelles que ouvem, amte poemos a simprez verdade, que a afremosemtada falsidade”.¹ No mesmo plano da narrativa, Fernão Lopes condena os cronistas que escreviam com o desejo de agradar aos senhores da sua terra, que eram aqueles que pagavam a sua composição, como parece demonstrar na seguinte passagem, que inicia a Crónica: “Gramde licença deu a afeiçom a muitos, que teverõ carrego dornedar estórias, mormente dos senhores em cuja merçee e terra viviam, e hu foram nados seus antiigos avoos, seemdo lhe muito favoravees no rrecomtamento de seus feitos...”.²

A narrativa lopesiana é também conhecida pelo seu dinamismo, como o demonstra a presença de um discurso direto bastante dinâmico, que mais à frente iremos abordar com mais detalhe na secção das nossas primeiras conclusões.

Fernão Lopes também se caracteriza por uma visão polifónica dos acontecimentos e das personagens, como o sustenta António José Saraiva num estudo sobre o assunto: “...é a sua visão multilateral da sociedade que o obriga a criar uma nova arte de a representar; que essa visão multilateral corresponde a uma humanidade

¹ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, primeira parte* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973), 2.

² Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, primeira parte* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973), 1.

ampla, compreensiva e desmistificadora...”.³ Na verdade, o cronista dá-nos uma visão complexa do monarca que dá título à obra, que na primeira parte da *Crónica de D. João I* aparece, ora como uma imagem messiânica, ao ser vaticinado por Frei João da Barroca como seu futuro rei e senhor, como é narrado no capítulo XXIV,⁴ ora sendo essa figura contrastada com um D. João que teme pela sua própria vida, no episódio em que ele quer fugir para Inglaterra com receio das represálias da regente Leonor Teles. Essa construção da personagem que dá nome à Crónica, parece ir contra uma conceção clássica de herói das crónicas anteriores, que acima de tudo tinha de ser forte e destemido, como nos mostram alguns exemplos da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, em heróis como El Cid.⁵ A sugerida fraqueza do Mestre de Avis pode ser analisada no capítulo XVIII, da *Crónica de D. João I*, na seguinte passagem: “Primeiramente, el sse temia muito da Rainha, por a morte do Comde Joham Fernandez...”.⁶ Ao mesmo tempo, segundo António José Saraiva, Fernão Lopes coloca em perspetiva dois planos da ação, um primeiro e um segundo, que, segundo o investigador, irradiam “ondas” a outras narrativas da crónica, tornando as várias ações sobrepostas, o que dá uma maior complexidade à narrativa, de vários planos de um mesmo acontecimento histórico.⁷

A argumentação do cronista parece demonstrar uma vontade de encaminhar o leitor para uma determinada visão dos acontecimentos, apesar de o autor querer apresentar uma perspetiva mais objetiva que a dos seus antecessores. Fernão Lopes acaba, porém, por ser favorável à nova dinastia que detém o poder: a dinastia de Avis, que na figura do filho de D. João I, o infante e depois rei D. Duarte, encomendou a feitura das crónicas. Veja-se o que diz Luís Miguel Duarte a este respeito: “Uma segunda dimensão deste cuidado de D. Duarte com a imagem pública do pai, da família, da dinastia e da realeza manifesta-se na escolha de alguém (...) para escrever a história dos reis de Portugal. O nome do escolhido é-nos familiar: Fernão Lopes”.⁸

Diríamos, deste modo, que Fernão Lopes foi contratado para escrever sobre os antepassados do rei D. Duarte e não poderia dar um aspeto negativo do objeto da sua

³ António José Saraiva, *Fernão Lopes* (Lisboa: Europa-América, 1960), 71.

⁴ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, primeira parte* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973), 43.

⁵ D. Pedro de Barcelos, *Crónica Geral de Espanha de 1344* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009).

⁶ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, primeira parte* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973), 35.

⁷ António José Saraiva, *Fernão Lopes* (Lisboa: Europa-América, 1960), 68-70.

⁸ Luís Miguel Duarte, *D. Duarte* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2005), 216.

crónica, por ser pai de quem o estava a contratar e ser desejo de D. Duarte que o cronista passasse à posteridade uma imagem positiva do rei D. João I, já que o monarca, como diz Luís Miguel Duarte, estava preocupado com a “imagem pública do pai”. E tal como os cronistas anteriores a ele, Fernão Lopes era contratado para escrever factos considerados importantes e que não deveriam ser questionados pelas gerações seguintes, como a legitimidade da dinastia de Avis ao trono português. Porém, pelo já analisado, o modo como ele o fará, com a complexidade das suas personagens e ações, bem com a dinâmica do seu discurso, é o que o distinguirá dos outros cronistas.

2. Enquadramento Historiográfico

Pretendemos que o nosso trabalho tenha uma representação política, económica e social do contexto em que viveu Fernão Lopes. A este respeito, alguns dos estudos por nós consultados tratam desses assuntos aplicados ao âmbito da pessoa do cronista, enquanto outros investigam a repercussão que esses dados tiveram ao nível do seu estilo cronístico. Também pretendemos enquadrar a nossa análise num contexto mais geral, em que se moveram as personagens régias do período, bem como nas crises económicas e políticas dos séculos XIV e XV. Esse contexto está presente na obra do cronista, que escreve sobre os monarcas D. Pedro, D. Fernando e D. João I, que viveram nos séculos XIV e XV, a mando do infante e depois rei D. Duarte, no século XV, de quem era, respetivamente, neto, sobrinho e filho. Estes dados parecem estar ligados com o que dissemos na secção anterior, da influência que teve a figura do rei e do seu desejo de preservar a memória da família real.

O nosso estudo pretende enquadrar-se num enquadramento historiográfico que vem, ao longo dos anos, tratando a figura de Fernão Lopes. No âmbito económico-político, contamos com os seguintes livros: Luís Gouveia Monteiro, *Fernão Lopes: Texto e Contexto*, 1988;⁹ Maria Ângela Beirante, *As Estruturas Sociais em Fernão Lopes*, 1984;¹⁰ Luís Rebelo de Sousa, *A Conceção do Poder em Fernão Lopes*, 1983,¹¹ que são obras fundamentais e ainda bastante atuais para o estudo dos aspetos enunciados relativamente ao contexto histórico em que se moveu Fernão Lopes e que aplicam a análise socioeconómica e política à obra do mesmo.

⁹ Luís Gouveia Monteiro, *Fernão Lopes: Texto e Contexto* (Coimbra: Livraria Minerva, 1988).

¹⁰ Maria Ângela Beirante, *As Estruturas Sociais em Fernão Lopes* (Lisboa: Livros Horizonte, 1984).

¹¹ Luís Rebelo de Sousa, *A Conceção do Poder em Fernão Lopes* (Lisboa: Livros Horizonte, 1983).

A nível desse género de contexto, mas alargando para um âmbito mais geral, incluindo a historiografia da monarquia portuguesa e do contexto político, económico e social dos séculos XIV e XV, bem como as suas crises, importante para perceber a obra de Fernão Lopes, como já referido por nós, iremos utilizar livros que se mostram fundamentais para o entendimento dessa problemática, como *D. Duarte*, de Luís Miguel Duarte, 2005;¹² *D. João I*, de Maria Helena da Cruz Coelho, 2005;¹³ *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, de A. H. de Oliveira Marques, 1987.¹⁴

A nível das fontes de Fernão Lopes, utilizaremos o livro *As Fontes de Fernão Lopes*, de Peter E. Russell,¹⁵ que nos parece pertinente para entender quais foram as fontes utilizadas pelo cronista para escrever as suas obras. Além do contexto político, económico e social, o historiográfico, de onde advém o que o cronista leu e aprendeu dos seus antecessores, e o que ele replicou ou não, parece-nos importante de ser analisado, para observar em que medida Fernão Lopes se distancia ou não dos outros cronistas na maneira de narrar os acontecimentos, bem como nos processos linguísticos utilizados, adotados ou não dos modelos anteriores.

A nível linguístico o livro *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*, de Esperança Cardeira, 2005,¹⁶ será utilizado, pois parece-nos ser adequado ao período linguístico abordado pelo nosso estudo, ou seja, o português do século XV. Essa fase da língua portuguesa encontra-se a seguir a uma fase antiga que evolui para o português clássico, da época do Renascimento, no século XVI. Essa fase da evolução linguística situa-se entre a segunda metade do século XIV, estabelecida na data da morte do conde D. Pedro de Barcelos, estendendo-se a todo o século XV. Parece-nos pertinente estudar esse livro, pois as crónicas de Fernão Lopes localizam-se nesse marco temporal e os estudos de Esperança Cardeira são fundamentais para se conhecer o nosso passado linguístico dessa época, sendo esse livro o único que, até ao momento, encontramos exclusivamente concentrado nessa época da história da língua portuguesa.

Em relação ao estudo mais literário e filológico, deter-nos-emos em autores como Teresa Amado, com o livro *O Passado e o Presente: ler Fernão Lopes*, 2007,¹⁷

¹² Luís Miguel Duarte, *D. Duarte* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2005).

¹³ Maria Helena da Cruz Coelho, *D. João I* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2005).

¹⁴ A. H. de Oliveira Marques, *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV* (Lisboa: Editorial Presença, 1987).

¹⁵ Peter E. Russell, *As Fontes de Fernão Lopes* (Coimbra: Coimbra Editora, 1941).

¹⁶ Esperança Cardeira, *Entre o Português Antigo e o Português Clássico* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005).

¹⁷ Teresa Amado, *O Passado e o Presente: ler Fernão Lopes* (Lisboa: Editorial Presença, 2007).

conjunto de ensaios escritos pela autora sobre Fernão Lopes e reunidos nessa edição, bem como da mesma autora, *Fernão Lopes Contador de História: sobre a “Crónica de D. João I”*, 1997.¹⁸ Da autora Maria do Amparo Maleval, utilizaremos o estudo *Fernão Lopes e a Retórica Medieval*, 2010;¹⁹ e do investigador António José Saraiva, *Fernão Lopes*, 1960;²⁰ *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal, parte I e II*, 1996;²¹ *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal, parte III*, 1996.²² Como prova o nosso estudo, os investigadores citados são fundamentais para entender o estilo de Fernão Lopes de um ponto de vista mais literário e filológico, que é o âmbito da nossa pesquisa, sendo as suas perspetivas ainda válidas para uma investigação atual sobre as crónicas do mesmo autor.

3. Fontes

As fontes primárias que utilizamos no nosso trabalho são edições críticas de crónicas do autor, bem como de outros registos cronísticos de outros cronistas anteriores e posteriores a Fernão Lopes. Utilizaremos as crónicas de Fernão Lopes, nomeadamente, a *Crónica de D. João I*, parte 1²³ e 2,²⁴ a *Crónica de D. Fernando*,²⁵ a *Crónica de D. Pedro I*,²⁶ a *Crónica Geral de Espanha de 1344*, do conde D. Pedro de Barcelos,²⁷ a *Crónica da Tomada de Ceuta*, de Zurara,²⁸ a *Crónica de 1419*,²⁹ que se pensa ser da autoria de Fernão Lopes, a *Crónica do Condestabre*,³⁰ que alguns pensam

¹⁸Teresa Amado, *Fernão Lopes Contador de História: sobre a “Crónica de D. João I”* (Lisboa: Editorial Estampa, 1997).

¹⁹Maria do Amparo Maleval, *Fernão Lopes e a Retórica Medieval*, (Niterói – Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010).

²⁰António José Saraiva, *Fernão Lopes*, (Lisboa: Europa-América, 1960).

²¹António José Saraiva, *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal, parte I e II*, (Lisboa: Gradiva, 1996).

²²António José Saraiva, *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal, parte III* (Lisboa: Gradiva, 1996).

²³ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, primeira parte* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973), com edição crítica de Luís Lindley Cintra, acompanhado de um prefácio do mesmo investigador.

²⁴ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, segunda parte* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1968), com edição crítica de William J. Entwistle.

²⁵ Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004), edição crítica de Giuliano Macchi.

²⁶ Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro I* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007), edição crítica de Giuliano Macchi, que conta também com a revisão do texto por parte de Teresa Amado.

²⁷ D. Pedro de Barcelos, *Crónica Geral de Espanha de 1344*, volumes 1, 2, 3 e 4 (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009), com edição crítica de Luís Lindley Cintra, sendo o primeiro volume um estudo crítico do mesmo investigador.

²⁸ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta* (Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1942).

²⁹ Anónimo, *Crónica de Portugal de 1419* (Aveiro: Universidade de Aveiro, 1998), com edição crítica de Adelino de Almeida Calado.

³⁰ Anónimo, *Estória do Condestável: crónica anónima* (Lisboa: CEHLE, 2011), edição fac-similada da primeira edição, (Lisboa: Germão Galharde, 1526), com edição crítica, estudo e enquadramento temporal de Manuel Cadafaz de Matos.

ser também de Fernão Lopes e outros simplesmente não lhe reconhecem nenhuma autoria.

A escolha das fontes mencionadas está sustentada numa visão da cronística mais diacrónica, não apenas restringida à *Crónica de D. João I*, mas às outras crónicas de Fernão Lopes, para se poder fazer uma melhor comparação da língua e do estilo do cronista num modo intertextual.

A utilização da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, do conde D. Pedro, tem o fim de comparar a linguagem lopesiana com a de períodos anteriores. A utilização da *Crónica da Tomada de Ceuta*, de Gomes de Eanes Zurara, pretende comparar a língua e o estilo de Fernão Lopes com a deste último cronista, bem como ver as semelhanças e diferenças entre a segunda parte de *Crónica de D. João I* com a de Zurara, que é uma sua continuação.

Pretende-se, também, ver em que sentido é que a *Crónica da Tomada de Ceuta* evoluiu linguisticamente e estilisticamente em relação à segunda parte da *Crónica de D. João I*, e ponderar se a primeira não será um prolongamento da segunda, partilhando uma mesma autoria, talvez ambas de Zurara, ou se Lopes na segunda parte da sua crónica adaptou o seu estilo mais ao ambiente da corte de Avis, que gostava mais do panegírico, do que da alegada verdade defendida pelo cronista, aspeto que o cronista mais jovem aproveitou na sua crónica. Como dissemos no início do nosso texto, essas são apenas hipóteses a que ainda faltam estudo e a sua comprovação, que estamos ainda a elaborar.

As edições das crónicas que apresentamos nas nossas fontes de trabalho foram escolhidas por terem um aparato crítico que consideramos que se adequa ao nosso propósito. As edições são cuidadas, com prefácios de Lindley Cintra, na edição da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, bem como na *Crónica de D. João I, primeira parte*, que pensamos que são importantes de serem observados, bem como uma grande variedade de resultados de transcrições dos vários manuscritos, em que todas as variantes são apresentadas, o que facilita o estudo e nos dá uma maior perceção da história do texto manuscrito, tornando-se importante para a crítica textual, devendo nós ter em conta esse aspeto na avaliação da *Crónica de D. João I* e das restantes crónicas, para se ver em que sentido a língua e o estilo do cronista evoluiu.

4. Objetivos e Metodologia

O enquadramento do cronista no contexto histórico dos séculos XIV e XV torna-se necessário para um melhor entendimento da sua narrativa. De igual modo, o contexto da historiografia do tempo de Fernão Lopes, bem como das épocas anterior e posterior, também se torna importante para perceber a escrita do cronista. Da mesma maneira, a historiografia escrita por historiadores mais contemporâneos é necessária para perceber a evolução que tem tido essa temática. Porém, não nos vamos deter sobre aspetos históricos nem historiográficos de cronistas da época medieval nem de historiadores da época atual sobre Fernão Lopes, que apenas nos servem para enquadrar a obra do cronista.

O que mais nos interessa no nosso estudo é uma análise linguística e estilística da narrativa, pelo que os estudos narratológicos também nos poderão ser úteis, pois partimos da nossa constatação da existência de algumas diferenças a nível da narração e do estilo entre uma parte e a outra da *Crónica de D. João I*, em que pretendemos também incluir os estudos da linguística histórica.

Deste modo, a nossa metodologia aplica-se a estudar a língua de Fernão Lopes, uma vez que o domínio de uma análise bastante detalhada do texto escrito a partir de unidades mais pequenas como morfemas, lexemas e sintagmas, bem como de semas e sememas, no âmbito da semântica histórica, dão-nos uma maior visibilidade do modo de narrar do cronista.

Pretendemos, também, comparar as crónicas de Fernão Lopes entre si, numa análise intertextual, e com registos cronísticos de outros autores, do período, anteriores e posteriores, numa perspetiva mais intertextual.

5. Estrutura provisória do trabalho final

Pensamos dividir o nosso trabalho nos seguintes tópicos, embora essa seja uma divisão que consideramos que poderá sofrer mudanças, por ainda ser muito prematura:

1. Contexto Histórico – História Política dos Séculos XIV e XV, da época em que decorre a crónica e da época em que viveu Fernão Lopes, de modo a integrar os factos históricos com a perspetiva adotada pelo cronista face aos factos do seu próprio tempo e face aos constrangimentos de quem lhe encomendou a crónica, o rei D. Duarte, filho de D. João I.

2. Panorama historiográfico da cronística medieval, partindo-se da análise textual através das várias tradições discursivas das crónicas medievais, começando nas mais afastadas do tempo da *Crónica de D. João I*, como alguns textos ainda latinos, como o *Chronicum Lusitanum*, até crónicas posteriores, como a *Crónica da Tomada de Ceuta*, de Gomes Eanes de Zurara. Pretende-se neste tópico fazer uma comparação linguística, estilística e narratológica entre as várias crónicas ibéricas que poderão ter influenciado Fernão Lopes. O seu estudo mostra-se necessário para enquadrar melhor o modo de narrar e a língua do cronista num âmbito diacrónico. Esta parte mostra-se importante a nível de relações intertextuais entre crónicas do período medieval, pelo que a sua análise está em consonância com a terceira secção, que se mostra mais num domínio intratextual.
3. Análise da macroestrutura e da microestrutura da *Crónica de D. João I*. Análise Linguística, Estilística e Narratológica dos Capítulos, Parágrafos, Frases, Linhas e Palavras da *Crónica de D. João I*. Inclui-se na macroestrutura da nossa análise o estudo da abertura e do fecho dos capítulos e um índice dos vários títulos. Na microestrutura incluiremos uma análise mais detalhada dos capítulos, concentrando-nos mais nas frases e no léxico das mesmas, e mesmo nos morfemas que constituem esse último. Essa secção é a principal do nosso trabalho, a que se centra nos objetivos que nos interessam mais no nosso estudo. Desse modo, a presente parte mostra-se de grande valia para uma análise intratextual da escrita de Fernão Lopes, que poderá ser comparada com as outras crónicas do autor, para se apurar melhor o seu registo cronístico e o seu modo narrativo.

6. Primeiras Conclusões

Será de realçar que Fernão Lopes consegue tornar mais natural as falas das personagens e, daí, consegue ser mais original na maneira como arquiteta os seus diálogos, com um grande dinamismo entre as personagens, que resulta de uma conjugação de facto-efeito e pergunta-resposta, própria do discurso oral. Ou seja, a cadência do discurso torna-o mais verosímil, mais interessante e mais vivo, porque acaba por ser sempre movido por algum facto ou fala anterior, como acontece num contexto mais coloquial.

A provar o que dizemos, vejamos a seguinte passagem: “Em tanto Martim Vaasquez, huñ dos escudeiros que forom presos com Gill Fernamdez, quando o assi vio estar, disse comtreelle desta guisa: *Que he isso, Paae Rodriguez? Agora pagares vos o que fezeistes a Gill Fernamdez e a seus parentes. Nom sejaaes bravo contra os mamssos*, disse elle, *ca eu assaz de mamssos estou.*”³¹ Neste excerto, vemos a relação de causa-efeito enunciada, pois a fala de Martim Vaasquez necessita da resposta de Paae Rodriguez a nível de dinamismo da narrativa, que intensifica a agressividade das duas personagens, que levará à morte do segundo interlocutor, como vem logo a seguir: “E sobre esto se começaram de seguir a taaes palavras amtre elles, que Martim Vaasquez o matou e lhe cortou a cabeça...”³²

Já Maria do Amparo Maleval falará a favor desse plano de narração de Fernão Lopes: “Para não falar na superioridade do seu plano ordenativo, norteado pelo princípio de causa e efeito...”³³ falando a autora nos “sumários explicativos e justificativos”,³⁴ ao que se junta a organização cronológica da obra, aos quais consideramos, também se podem juntar a organização do discurso direto, na primeira parte. Quanto à segunda parte, consideramos que esta ordenação causa-efeito se perde, quer do ponto de vista do discurso direto, quer do próprio discurso argumentativo.

A primeira parte da *Crónica de D. João I* enriqueceu a tradição discursiva de que era herdeira, criando um dinamismo que não se encontra em crónicas anteriores. Por sua vez, a segunda parte da mesma crónica parece que efetiva uma mudança nesse rumo, pois o narrador dá-nos a resposta da personagem, como maioritariamente acontece nas crónicas medievais anteriores, a par de um discurso direto sem o dinamismo e o cruzar de diálogos entre personagens.

Há casos em que estamos perante uma situação de diálogo entre as personagens em que nunca é usado o discurso direto, mas o indireto, como no capítulo CXX, depois de se tratar a cláusula de casamento de Catarina, filha de John of Gaunt (pai também de Filipa de Lencastre) e de Constanza de Castela, com o futuro rei Henrique III de Castela, a noiva é trazida para o país do noivo:

³¹ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, primeira parte*, (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973), 183.

³² Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, primeira parte*, (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973), 183.

³³ Maria do Amparo Maleval, *Fernão Lopes e a Retórica Medieval*, (Niterói – Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010), 64.

³⁴ Maria do Amparo Maleval, *Fernão Lopes e a Retórica Medieval*, (Niterói – Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010), 64.

“O Duque disse *lhe prouguera muyto se podera seer; mas pois que assy era, que fazessem outra cousa que seria serviço de Deus e proveito dos regnos, saber: que os mercadores e os romeus de Castella e de Imgraterra fossem seguros per mar e per terra, especialmente os que quisessem vijnr a Santiago. Os mesegeiros disserom que a razom era booa, mas que pemsauom que el-Rey seu senhor o nom podese fazer, segundo o trauto antre el e el-Rey de Framça posto...*”.³⁵

Como vemos, o discurso direto que aparece no excerto da primeira parte está ausente na segunda, optando-se pelo discurso indireto, o que retira dinamismo à ação. A reação causa-efeito fica atenuada e não há uma dramatização da narrativa como seria expectável caso o narrador tivesse adotado o modo discursivo da primeira parte. O leitor vê-se menos imbuído na atmosfera da crónica, como se fosse exterior a ela, ao contrário da passagem citada da primeira parte, em que ao ser usado o discurso direto, o leitor faz parte da própria ação.

Observando a disposição do discurso direto na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, muitas vezes a fala da personagem é um monólogo, como no capítulo CVIII, no qual o rei godo de Espanha Theuderigo faz um discurso em que investe no poder e aconselha o seu neto Amallarico.³⁶ A reação de Amallarico é-nos totalmente desconhecida e apenas sabemos a causa do discurso e nunca o efeito no alocutário. Essa forma de narrar é típica de uma tradição mais antiga em que se insere, se tivermos também em conta a IV Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra, em que o conde D. Henrique tem um discurso semelhante com o filho, o futuro rei D. Afonso Henriques. Essa perspetiva, como bem prova estes exemplos, torna a narrativa menos polifónica, pois temos acesso apenas a uma perspetiva dos acontecimentos.

Tal também acontece quando o narrador utiliza o discurso indireto, pois temos apenas a perspetiva do cronista e não da personagem. Não sabemos o que essa última sentiu nem o que pensou. A narrativa assimila a monofonia, em que apenas um fala sobre vários outros, neste caso, o narrador das suas personagens, e que parece ser estranha à primeira parte da *Crónica de D. João I*.

³⁵ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, segunda parte*, (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1968), 249.

³⁶ D. Pedro de Barcelos, *Crónica Geral de Espanha de 1344* (Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda: 2009).

Daí se concluir que a segunda parte, nessa temática, está mais próxima de uma tradição cronística que parece ir ao encontro dos atos de planeamento e composição textuais presentes na *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

Pensamos, também, que a capacidade argumentativa do cronista se encontra mais aprofundada na primeira parte. As fontes são mais exaustivamente comparadas e as referências a visões filosóficas do mundo são muito recorrentes. Além disso, os primeiros parágrafos de muitos capítulos começam com discursos metadiscursivos, ou seja, discursos de reflexão sobre a escrita do texto pelo próprio autor. Esse dado revela que o texto da primeira parte vai ao encontro de uma tradição anterior à medieval, nomeadamente da tradição discursiva clássica, referida pelo próprio Fernão Lopes no prólogo, onde se cita amiúde Cícero. Porém, a segunda parte da crónica, em que esses atos de composição textual se encontram ausentes, revela que se aproxima do modelo de tradições discursivas medievais, como a *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

O cronista via-se como um compilador das fontes e escolhia-as criteriosamente, pois com a reflexão acerca do seu próprio trabalho ele podia explicar melhor o intuito com que o fazia, qual o seu papel e porque escrevia a crónica de determinada maneira, ou seja, porque escolhia umas fontes e não outras. Dessa forma, a sua metadiscursividade poderia tornar-se necessária nos atos de composição da escrita da crónica. Segundo explica o próprio cronista, o modo de narrar que utiliza pretende sempre dizer a verdade, com um censo de História objetivo e com distanciamento dos factos que narra.

A título de exemplo, encontra-se este início metadiscursivo no primeiro parágrafo do capítulo XXV da primeira parte da *Crónica de D. João I*: “Nom convem callar, posto que disto poucos livros fazem meemçom, a maneira que o Meestre teve depois que fallou com frei Johane...”³⁷ Aqui, o narrador faz um juízo do que deve dizer e daquilo que os anteriores cronistas medievais não falaram, argumentando que ele deve falar nesses factos na sua crónica e não imitar os cronistas anteriores medievais. O autor julga que o devia fazer argumentando que a História devia ser objetiva e desapaixionada e mostrar os factos como eram e não como deveriam ser, como não o faziam muitos outros cronistas na sua época. Desse modo, o narrador faz o seu metadiscurso e argumenta a favor daquilo que irá narrar, criticando as suas fontes.

³⁷ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I, primeira parte*, (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973), 43.

Tal capacidade de argumentação, de planeamento de atos composicionais e de reflexão metadiscursiva segue uma orientação diferente daquela encontrada nos cronistas medievais anteriores a Fernão Lopes, como o conde D. Pedro. Por outro lado, a segunda parte parece assemelhar-se a esses modelos discursivos, pelo que se poderá dizer que a tradição discursiva da primeira parte da obra segue uma orientação diferente do que aquela utilizada pelos cronistas medievais, eventualmente mais original e mais inovadora.

Esses dados implicam que o narrador da primeira parte é muito mais objetivo e argumenta sempre a favor da verdade histórica. Já o da segunda parte, não argumenta tanto nem parece muito interessado nos argumentos, o que demonstra que este não tem uma visão tão objetiva da História como o da primeira parte. Isso implica que as duas partes seguem tradições discursivas distintas, assemelhando-se, nesse caso, a segunda parte, às tradições discursivas medievais anteriores a Fernão Lopes.

Deste modo, tendo em conta o que dissemos, consideramos que a primeira parte segue uma tradição discursiva diferente, talvez em que inova mais e é mais complexa em relação a muitos aspetos da tradição discursiva herdada por Fernão Lopes, enquanto que a segunda parte parece ir mais ao encontro dessa mesma tradição. Daí, termos duas hipóteses: ou Fernão Lopes alterou o seu estilo, talvez com intuítos diferentes dos da primeira parte, ou, talvez, a segunda parte possa ser de outro cronista.

Parece-nos que a primeira hipótese é a mais correta, pois Fernão Lopes poderia ter assimilado a tradição discursiva anterior, que seria mais do agrado da corte para a qual trabalhava e de quem deveria fazer o panegírico. Desse modo, o horizonte de expectativa da corte estaria mais de acordo com as crónicas do conde D. Pedro. Aliás, quanto ao panegírico, na primeira parte nota-se um lado mais pessoal nas personagens, em que D. João I aparece tanto como um herói, ao mesmo tempo que aparece com características menos heróicas, como sendo covarde e também alimentando uma certa ambição pela sua ascensão ao trono. Um aspeto a assinalar, na segunda parte, é o panegírico do fundador da dinastia de Avis ser total. A primeira parte da crónica poderia não ter agradado ao rei que lha encomendara, nesse caso, o filho de D. João I, o rei D. Duarte, de modo que Fernão Lopes poderia ter alterado o seu estilo tendo em consideração esse fator.

A assimilação de uma tradição discursiva anterior, que também tinha como objetivo o panegírico de certas personagens reais, mas também a assimilação dos

modelos discursivos anteriores que eram próprios à corte, em que se destacava a falta de argumentação (em que uma certa visão dos factos é dada como certa sem nenhuma investigação e sem nenhum questionamento), a falta de dinamismo do texto, a presença do discurso indireto, uma visão menos polifónica da ação, a presença de um grande teor panegírico, poderia ir ao encontro daquilo que a corte estava mais habituada e que conhecia de crónicas anteriores. Daí, poder resultar que essas diferenças estilísticas possam estar ligadas a um maior amadurecimento de Fernão Lopes na corte avisina, em que provavelmente acabará por adotar os seus gostos e irá ao encontro do estilo de narrar que essa última conhecia e apreciava.